

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

“It” da mulher moderna: um outro olhar sobre o corpo e práticas femininas da mulher araguarina.

Gilma Maria Rios*

Resumo: O objetivo desse artigo é compreender e nos fazer compreender como Araguari, cidade do interior mineiro, viveu mudanças e conviveu com permanências sobre os corpos femininos no período de 1940 a 1960. No interior dessas transformações, homens e mulheres pertencentes à sociedade araguarina passaram a viver novas práticas sociais que estavam desestabilizando o “cotidiano familiar tradicional de nossos antepassados”. Entre essas mudanças temos as mulheres “com e sem it”, possibilitando novas perspectivas que formaram opiniões e reconstituíram práticas sociais, fazendo com que as pessoas passassem a sentir e pensar de maneira diferente às veiculadas através de mediadores, como rádio, imprensa e cinema. Nesse sentido, o “It da mulher moderna” propagado pela mídia, era visto em Araguari, como a “desgraça dos casais” e um “cancro social”.

Palavras-chave: corpo – mulher araguarina – práticas sociais

Abstract: The aim of this article is to understand and make understand how people in Araguari, a town in the country of Minas Gerais, lived with changes and tough conceptions about the female body from 1940 until 1960. Inside this transformations, men and women from the araguarina society started living new social practices that destabilized the “traditional daily routine of our ancestors”. Among these changes are the women “with or without It”, enabling new perspectives which formed opinions and rebuilt social practices, making people feel and thing in a different way from that spread by the mediators as radio, press and cinema. So, “the modern woman’s it” disseminated by the media was seen in Araguari as “the disgrace of the couples” and a “social cancro”.

Key words: body – woman from Araguari – social practices

Como podemos perceber, não apenas na produção intelectual, mas sobretudo no cotidiano, a história das mulheres com a apropriação da categoria gênero, nos últimos anos vem levantando questões até então consideradas acessórias ou mesmo irrelevantes social e politicamente, abrindo, explorando e mapeando novos caminhos, ampliando novos sistemas de pensamento, criando conceitos na tentativa de estabelecer um novo olhar sobre um tema negligenciado pela educação e cultura patriarcal: representações do feminino.

Invariavelmente interpeladas e retratadas pelos meios de comunicação – publicações, fotos, filmes – as mulheres tornaram-se alvo de um discurso normativo que, persistindo no que elas deveriam ser, construiu uma imagem que contribuía para a naturalização de estereótipos. Por isso, esse artigo tem como objetivo compreender e nos fazer compreender como Araguari, cidade do interior mineiro, viveu mudanças e conviveu com

* Doutora pela Universidade de Brasília. Professora da Universidade Presidente Antônio Carlos/ campus Araguari – MG. Contatos: riosmaria@ig.com.br

permanências sobre os corpos femininos no período de 1940 a 1960. Interrogando os tipos de discurso, de representações e imagens sobre o corpo feminino, construídos pelos artigos veiculados pelo jornal local “Gazeta do Triângulo” e as revistas “Ave Maria” e “Ventania” que circularam pelo espaço social local ao longo desse período, pode-se chegar à finalidade proposta pelo presente trabalho.

As profundas transformações sócio-econômicas das últimas décadas dilataram, de forma considerável, a visibilidade social da mulher. De “rainha do lar”, a mulher atual vem apropriando-se, cada vez mais, de papéis de destaque na esfera pública. Tal realidade é, sem dúvida alguma, uma conquista que passa por tensões, ambigüidades e conflitos evidenciados nas conquistas alcançadas pelas mulheres.

Um exemplo disso é a permanência da abordagem pela mídia em reproduzir

[...] a crença no singular da condição feminina, terminam por reafirmar, explícita ou implicitamente, a possibilidade histórica de uma identidade feminina, pautada na natureza universal da mulher, ou seja, para além dos tempos e lugares, e, contraditoriamente, para além da própria história. (ENGELS, 2003: 08).

Descobre-se que é difícil esboçar um perfil único de “uma mulher araguarina” se considerarmos os fatores tempo, lugar, classe, raça, idade etc. A percepção dessa disparidade é o primeiro passo na apreciação para a desconstrução dos estereótipos. Desconstruir, “mostrando como se deu tal processo, com a reiteração de práticas discursivas e não discursivas produz efeitos nos corpos, comportamentos e relações sociais” (RIOS, 2005: XII); de modo a revelar como as representações que instituem tais práticas integram o imaginário social, como forças reguladoras da vida em sociedade, uma vez que informa sobre a realidade e, ao mesmo tempo, estabelece um apelo a comportar-se de determinada maneira.

Assim, desconstruir o sujeito,

Não é negar ou jogar fora o conceito; ao contrário, a desconstrução implica somente que suspendemos todos os compromissos com aquilo a que o termo “sujeito” se refere, e que examinamos as funções lingüísticas a que ele serve na consolidação e ocultamento da autoridade. Desconstruir não é negar ou descartar, mas pôr em questão e, o que talvez seja mais importante, abrir um termo, como sujeito, a uma reutilização e uma redistribuição que anteriormente não estavam autorizadas. (BUTLER, 1998:34)

Desconstruir o “sujeito” construído na perspectiva essencialista, binária e fixa, é suspender todos os compromissos com aquilo a que o termo “sujeito” se refere, isto é, o sujeito universal, absoluto, racional, livre e referente, que ocupa a posição de centro das identidades sociais, sexuais e de gênero. Nessa desconstrução alteram-se, redefinem-se, realizam-se e redistribuem-se as posições do sujeito e as relações de poder. Uma

desconstrução que, finalmente, desestabiliza representações cristalizadas no imaginário social e rompe com o regime de verdade acerca das assimetrias nas relações entre os sexos.

Essa desestabilização ocorre quando os “papéis socialmente construídos para o homem e para a mulher em uma determinada sociedade se modificam e chegam até se confundir, tornando os limites entre o tipicamente masculino e o tipicamente feminino quase imperceptíveis.” (MARSON, 1995/1996:70)

Busca-se, assim, com a utilização da categoria gênero, o questionamento do discurso historiográfico centrado na perspectiva essencialista e universal que desconhece o diferente e o singular.

Vale ressaltar que, quando essa autora refere-se à desestabilização dos padrões normativos de papéis e de comportamentos sociais, ela se reporta às imagens/valores/normas/significações materiais e simbólicas que instituem o real em seus aspectos social e individual. O questionamento do sujeito universal, sem dúvida, possibilitou a ampliação do foco sobre a história das mulheres, colaborando para a emergência de críticas e tensões que propiciariam a utilização de gênero como categoria para analisar as relações históricas de gênero, esse saber que “estabelece significados para as diferenças corporais e sexuais”. (SCOTT, 1992:228)

Ante o duplo propósito de compreender e nos fazer compreender como Araguari, cidade do interior mineiro, viveu mudanças e conviveu com permanências sobre os corpos femininos com o intento de dar visibilidade à presença de mulheres comuns, enfocando suas relações com seus corpos e sexualidades, bem como seus comportamentos, implicam considerar as experiências das mulheres araguarinas em suas dimensões concretas/práticas e imaginárias, atentando para a natureza construtora e construída de gênero, como representação e auto-representação.

Com efeito, observa-se que as “mulheres modernas” de Araguari foram constituídas através das práticas sociais de lazer, sociabilidade, consumo e prazer, possibilitadas pela prática costumeira de seguir o exemplo propagado pelas estrelas e astros de Hollywood: a “Meca do pecado”. Ao analisá-las, percebe-se como foram construídas, graças à interpelação de diferentes práticas discursivas e não discursivas, com forte poder de convencimento, de absorção.

O traço comum dos periódicos laicos e religiosos foi de identificá-las como marcas da “imoralidade” e responsáveis pela “crise da família”. Daí terem sido freqüentemente lançados pela imprensa local, artigos escritos pelos setores mais conservadores da sociedade, quase sempre ligados, direta ou indiretamente, à Igreja Católica

e/ou ao seu pensamento, ao seu esquema de interpretação e significação do mundo, que classificavam e percebiam as “mulheres modernas” como ameaça aos costumes.

Significativamente, a reportagem do jornal Gazeta do Triângulo, de 09/01/1944, ao retratar a sociedade araguarina da época, contrapõe justamente à idéia de moderno a de retrocesso, no que tange à dimensão moral, aos costumes, às tradições e condutas sociais:

Os costumes sociais vão se modificando dia a dia. Caminhando a passo de gigante a dissolução campeia descaradamente, em todas as classes sociais. Já não mais respeitam os cabelos brancos que as austeras figuras do passado ostentam; já não se medem conseqüências ao ferir o pudor público ... Bebendo exemplos criminosos nas películas cinematográficas, a geração de hoje se contaminou e se presta a toda sorte de cinismo. Cérebros vazios, sem outra preocupação se não o da vaidade, a classe burguesa dá à proletária maus exemplos. Essa liberdade excessiva que é dada à mulher, nesta época, tem acarretado lágrimas amarga a muitos lares honestos. Onde o elemento frágil prevarica, desmorona-se o pedestal sublime da honra, da grandeza moral. (BRANDÃO, 1944: 03)

Tem-se, aí, nesse trecho do artigo da Gazeta, a expressão do pensamento conservador, moralizante e tradicional, quando reafirma seus valores em luta com os valores modernos, receoso de ver sua solidez desmanchar-se no ar, diante das mudanças incontornáveis instauradas pela modernidade. Mudanças relativas às artes, ciências e, sobretudo, à religião, à moral, aos valores, à visão de mundo até então informada pelo sistema de pensamento cristão católico de laicização, liberdade de expressão, pensamento e ação, cultura de consumo e de comunicação de massa são responsáveis pela dissolução dos costumes, pela ruptura com as tradições e inversão dos papéis.

Enfim, esta narrativa explicita um olhar armado, preconceituoso, que tem a intenção de, através do discurso, mostrar o lado negativo da conduta feminina que estava transgredindo as regras, desafiando a ordem e sinalizando para a emergência de outro padrão de conduta social condizente com os “tempos modernos” e laicos.

Controlá-las compreendia, assim, responsabilidade dos pais e, ao apontar o “excesso de liberdade” do “elemento frágil”, o autor chama a atenção para a necessidade de controlar principalmente a conduta das adolescentes e jovens da sociedade araguarina. Contrapondo-se a condutas “modernas”, a reiteração discursiva opera no sentido de ressaltar a importância de preservar as mulheres daqueles excessos, via confinamento no lar. Esse era visto como o procedimento mais seguro para afiançar a estabilidade dos costumes, necessária à manutenção da posição de subordinação das mulheres naquela sociedade.

Não é outro senão o significado de inferioridade conferido às mulheres e ao feminino, ao defini-las como “cérebros vazios”, “sem outra preocupação que não a da vaidade”. É justamente, em razão dessa ausência, ou desse excesso, a prescrição do controle

sobre sua conduta, sobre seus corpos e sua sexualidade. Seu comportamento deveria ser pautado na “grandeza moral”, entendida como o que se baseia no recato, obediência, submissão, discrição, renúncia e, sobretudo, castidade. Isso porque “honra” e “grandeza moral” associavam-se a todos esses “atributos femininos”, principalmente à proibição da prática da sexualidade antes do casamento.

Afinal, ser casta, ter sua sexualidade interdita, não é senão “revelar como opera o dispositivo da sexualidade ao fazer do sexo e da sexualidade o eixo e o motor da vida social” (FOUCAULT, 1992: 92). Construir um silêncio sobre a sexualidade, negá-la sobre um corpo que se aparenta assexuado, interdita-la, controlá-la, não é senão afirmá-la em sua plena operacionalidade, em seu pleno exercício de poder e controle sobre os sujeitos.

Ponderações como essa do jornal Gazeta do Triângulo tinham como objetivo inculcar preceitos segundo os quais as jovens, desde a infância, deveriam cuidar de si, e que existem limites que elas não poderiam transpor; frisava-se constantemente que, se deixar de se “guardar” um único momento, ficariam “mal faladas”, e isso resultaria não encontrar um moço de “boa família” para desposá-las.

O discurso da mídia que circulava pelo espaço social araguarino desqualificava as mulheres que não se enquadravam nos deveres morais, como a castidade antes do casamento e a fidelidade após, e condicionava a sexualidade feminina ao instinto maternal. Nesses textos, o discurso em torno do corpo tenta apresentá-lo como uno e homogêneo, de onde despontam representações estereotipadas da natureza da mulher: a passiva e sexualmente inocente e a mulher perigosa sexualmente, identificada com “Eva, a pecadora”.

Assim, em torno do casamento/leito conjugal “constrói-se a fronteira do permitido/proibido, com normas que desqualificam as sexualidades periféricas”. (MATOS, 2003: 119)

Gradativamente os artigos vão se diversificando e os discursos, embora mantendo os objetivos principais, vão acumulando outros elementos argumentativos como beleza, moda, cinema, baile, cigarro, moça perfeita, concursos de beleza etc, procurando envolver a sociedade como um todo numa “cruzada”, em que pai/mãe teria um papel central, com o apoio da Igreja, Escola e clubes desportivos.

Os discursos em questão reiteradamente associavam as mulheres “modernas” à futilidade, pela crescente “imoralidade do cinema”, preocupação com a beleza e descaso para com a família: marido e filhos. Deste modo, tais falas compreendiam uma rede intrincada de significados permeada por mecanismos de ajustes e de contínuas reformulações, em que a edificação dos perfis das mulheres se fez através da tessitura de uma teia onde estiveram

presentes as relações de poder que controlavam os corpos, através de um processo dinâmico em que tais perfis se faziam e se desfaziam, consolidando diferenças e valorizando a presença das mulheres, positivamente, dentro do lar; fazendo com que elas se reconhecessem dentro da esfera familiar. Porém, enquanto posicionava as mulheres no centro da família, privilegiava e reforçava o papel dos homens no espaço público, enfatizando sua masculinidade.

Observa-se imagens similares no artigo do Jornal Gazeta do Triângulo de 11/06/1939, no qual o autor discute que as mulheres sonhavam o tempo todo em se tornarem mais belas, mais encantadoras, mais sedutoras, ou seja, com “It”.

Ter “IT” é uma expressão dos anos 20, inventada nos EUA pela escritora Elinor Glyn que a dedicou à estrela de cinema Clara Bow e que, ao chegar por aqui na época, ficou incorporada ao nosso vocabulário por várias e várias décadas; ocasião em que o produtor B.P. Schulberg, magnata da Paramount, comprou de Glyn o direito de produzir um filme alcunhado de “IT” e de atribuir a expressão especificamente a Clara.

No Brasil ganhou o significado “o não sei ‘Q’ das mulheres”, mas segundo Elinor Glyn “seria um estranho magnetismo, físico ou espiritual capaz de tornar uma pessoa irresistível para ambos os sexos, sem que essa pessoa tivesse consciência do seu poder de atração”. (CASTRO, 2006: 260)

Aos olhos dos conservadores da moral tradicional, Clara era a encarnação da flapperette, no Brasil, “melindrosa”: moça moderna, de cabelos curtos e boquinha de coração, que fumava, bebia e “pintava o sete”. O “It” consolidou-a como a atriz mais popular de seu tempo e fez com que milhões de garotas no mundo inteiro copiassem o seu jeito de vestir, andar, maquiar e gesticular.

Detalhe importante, em Araguari “It” era explicado como um “misto de graça e pecado. É a voz do sexo ... É a capacidade de atrair uma pessoa do sexo oposto ... ou desgraça dos casais” (NEVES, 1939:07). Nessa perspectiva, a magia de sedução do sexo feminino fez com que milhões de garotas, no mundo inteiro e de Araguari, copiassem o jeito de vestir, andar, maquiar e gesticular das “beldades hollywoodianas”.

Consoante com o pensamento tradicional patriarcal, os discursos giram em torno da ameaça da devassidão moral, causadora de irreparáveis danos sociais. Assim,

[...] a capital do cinema dita a moda ao resto da nação, não só nesse louco desenfreamento dos divórcios, mas também no vestir e no estilo de viver, a tal ponto que um divórcio em Hollywood é assunto de primeira página em todos os jornais do país, e há portanto uma tendência irresistível de repetir os mesmos fatos criminosos e mundanos por aqueles que se acham em iguais ou parecidas circunstâncias. (SALAMERO, 1949: 12)

A batalha em torno do “despudor” e o “desenfreno”, identificam as mudanças no comportamento das mulheres, expressas em práticas de sociabilidade vistas pelo padre Salamero como às avessas do modelo cristão de conduta. Ao fazer denúncia contra a “imoralidade”, que “reina nos espetáculos nos cinemas, nos teatros, nas modas, nas diversões”, aponta para uma realidade social, cujo cotidiano modificara-se em termos de condutas, valores e costumes. Com a ampliação e criação de novos espaços de sociabilidade e de lazer, estabeleceram-se outras formas mais modernas e livres de relações entre os sexos e com os corpos.

Tratar as novas formas de convivência social e de relação com os corpos como “verdadeiro cancro social” era contrapor-se às mudanças que estavam ocorrendo no pós-guerra; era deixar aflorar, mesmo de forma sub-reptícia seus desejos ocultos, em revelar aspectos diversos dos padrões desejados, particularmente no que tange ao uso do corpo e à sexualidade.

Tantas preocupações, regras e advertências evidenciavam práticas outras vivenciadas por mulheres que, com maior ou menor ousadia, contestavam os padrões estabelecidos ao fumar, exhibir o corpo, usar roupas sensuais, discordar dos pais, confrontar, secreta ou abertamente, a moral sexual, trocar beijos “hollywoodianos” com os namorados no “escurinho do cinema” e em lugares de pouco movimento e iluminação.

Enfim, dentro desse esquema de pensamento publicado pela imprensa local, não é outra senão a concepção de possibilidades de transgressões, de liberação dos desejos, sexuais ou não, sinalizando para práticas e comportamentos que fugiam ao controle.

Ante um modelo institucional que oferecia como possibilidades a virtude cerceadora ou o pecado punível, havia mulheres que resistiam ao controle pretendido pela Igreja e pela família, adotando comportamentos e práticas mais condizentes com suas próprias necessidades. Um novo conceito sobre o corpo se esboçava onde a vontade pessoal teria mais importância que a reputação da família.

Essa foi uma época em que o poder de sedução das estrelas e astros de cinema marcou toda uma geração de mulheres e homens, atuando como um dos instrumentos de difusão de novos padrões de comportamento, de propagação de novos valores, exemplo de modelo para a construção de sua auto-imagem, na sociedade araguarina.

Referência Bibliográfica:

Referência bibliográficas

- BRANDÃO, Ascanio. Coisas que não convém dizer.... *Revista Ave Maria*, São Paulo, n.391, ano VII, 1944, p. 03.
- BUTLER, Judith. Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do “Pós-modernismo”. In: *Cadernos Pagu*. Campinas:UNICAMP/NEG, n.11, 1998, p.34.
- CASTRO, Ruy. *Um filme é para sempre*. São Paulo: Cia das Letras, 2006.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1992.
- MARSON, Melina I. Da feminista “macha” aos homens sensíveis. In: *Cadernos AEL – mulher, história e feminismo*. Campinas: Arquivo EdgardLeuenroth, 3/4 95/1996.
- MATOS, Maria Izilda S. de; SOIHET, Rachel (org.). *O corpo feminino em debate*. São Paulo: Edunesp, 2003.
- NEVES, Berilo. Mulheres com e sem “it”. *Gazeta do Triangulo*, Araguari, 11 jun. 1939, p. 07.
- RIOS, Gilma M. *Mulheres “modernas”, mulheres “perigosas”*: gênero, corpo e comportamentos sociais em Araguari/Mg (1940-1960). 2005. 227f. Tese – Doutorado em História – Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 2005.
- SALAMERO, Luis. A adoração da carne, raízes do divórcio. *Revista Ave Maria*, São Paulo, n.38, ano LI, 1949, p. 08.
- SCOTH, Joan W. História das mulheres. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da História*. São Paulo: Edusp, 1992.